

### 3. UMA INTENSA LUZ

*Chove dentro da alta fantasia.*

Dante Alighieri

Calvino inicia sua conferência “Visibilidade” em *Seis propostas para o próximo milênio* com o verso acima do “Purgatório” de Dante. Afirma ser a alta fantasia manifesta em sonhos e na imaginação um lugar onde chove dentro.

Água preenche tudo o que está *entre* as cenas registradas na cidade. Entre as pessoas e as relações com as histórias e fabulações.



### 3. UMA INTENSA LUZ

*Chove dentro da alta fantasia.*

Dante Alighieri

Calvino inicia sua conferência “Visibilidade” em *Seis propostas para o próximo milênio* com o verso acima do “Purgatório” de Dante. Afirma ser a alta fantasia manifesta em sonhos e na imaginação um lugar onde chove dentro.

Água preenche tudo o que está *entre* as cenas registradas na cidade. Entre as pessoas e as relações com as histórias e fabulações.



Ilhas de sonho.

Ilhas de sonho.







“Os seus olhos são espelhos d’água.”<sup>83</sup>

Enquanto o motorista de ônibus descreve suas impressões sobre a lagoa, “sua luminosidade, e a intensidade do vento”, cria uma visualidade que considero sintonizada com a frase da música. Olhos e espelhos d’água.

Água, cambiante, movente.

Água do mar, da chuva e olhos banhados.

2010, chuva de verão. A cidade arde e o som da chuva é uma pausa. O fluxo de carros é intenso. Luisa sorri e abre a boca para o céu. Bebe a água da chuva.

Bebo da fantasia e me reconheço nas pessoas que filmo. A imaginação se impõe abastecendo um mundo interior que vaza ao cotidiano.

Em *Bebadosamba* Paulinho da Viola celebra o samba e inicia: “Um mestre do verso, de olhar destemido, disse uma vez com certa ironia: - se lágrima fosse de pedra, eu choraria.”<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Trecho da música *Espelhos d’água* de Cláudio Rabello e Dalto.

<sup>84</sup> Poema que introduz a música *Bebadosamba* de Paulinho da Viola.

“Os seus olhos são espelhos d’água.”<sup>83</sup>

Enquanto o motorista de ônibus descreve suas impressões sobre a lagoa, “sua luminosidade, e a intensidade do vento”, cria uma visualidade que considero sintonizada com a frase da música. Olhos e espelhos d’água.

Água, cambiante, movente.

Água do mar, da chuva e olhos banhados.

2010, chuva de verão. A cidade arde e o som da chuva é uma pausa. O fluxo de carros é intenso. Luisa sorri e abre a boca para o céu. Bebe a água da chuva.

Bebo da fantasia e me reconheço nas pessoas que filmo. A imaginação se impõe abastecendo um mundo interior que vaza ao cotidiano.

Em *Bebadosamba* Paulinho da Viola celebra o samba e inicia: “Um mestre do verso, de olhar destemido, disse uma vez com certa ironia: - se lágrima fosse de pedra, eu choraria.”<sup>84</sup>

---

<sup>83</sup> Trecho da música *Espelhos d’água* de Cláudio Rabello e Dalto.

<sup>84</sup> Poema que introduz a música *Bebadosamba* de Paulinho da Viola.





Figura 29. Lucia Vignoli. Frames do vídeo *Bebadosamba*, 2010.

“Que o mundo é sonho, fantasia, desengano, alegria, sofrimento, ironia.”<sup>851</sup>

A voz de Elizeth Cardoso em *Inquietação*, de Ary Barroso cresce e produz uma exaltação contagiante combinada à orquestração do arranjo em que a percussão sobressai.

Imaginação transborda.

Nas asas brancas da ilusão  
Nossa imaginação  
Pelo espaço vai...  
Vai...Vai...  
Sem desconfiar  
Que mais tarde cai  
Para nunca mais voar<sup>862</sup>

A definição de Calvino para imaginação “como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido”<sup>87</sup> é o horizonte possível. E ao descrever o “cinema mental” que funciona continuamente em nós, mesmo antes da invenção do cinema, o escritor fala de seu

<sup>85</sup> *Inquietação*, música Ary Barroso de 1935, gravada por Sílvio Caldas com a Orquestra Odeon, regência de Simon Bountman - Incluída no filme *Favela dos meus amores*.

<sup>86</sup> Ibid.

<sup>87</sup> CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.106.

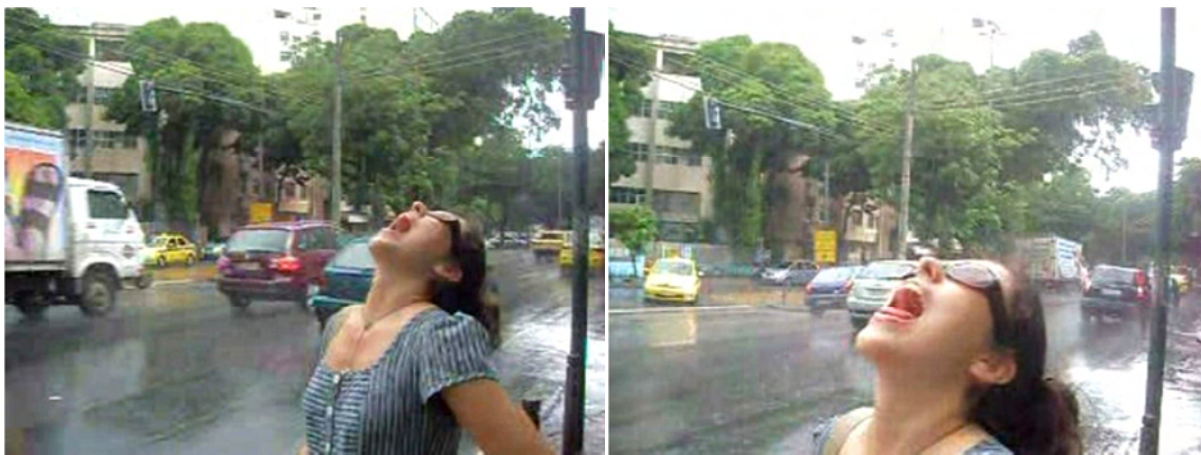


Figura 29. Lucia Vignoli. Frames do vídeo *Bebadosamba*, 2010.

“Que o mundo é sonho, fantasia, desengano, alegria, sofrimento, ironia.”<sup>85</sup>

A voz de Elizeth Cardoso em *Inquietação*, de Ary Barroso cresce e produz uma exaltação contagiante combinada à orquestração do arranjo em que a percussão sobressai.

Imaginação transborda.

Nas asas brancas da ilusão  
 Nossa imaginação  
 Pelo espaço vai...  
 Vai...Vai...  
 Sem desconfiar  
 Que mais tarde cai  
 Para nunca mais voar<sup>86</sup>

A definição de Calvino para imaginação “como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido”<sup>87</sup> é o horizonte possível. E ao descrever o “cinema mental” que funciona continuamente em nós, mesmo antes da invenção do cinema, o escritor fala de seu

<sup>85</sup> *Inquietação*, música Ary Barroso de 1935, gravada por Sílvio Caldas com a Orquestra Odeon, regência de Simon Bountman - Incluída no filme *Favela dos meus amores*.

<sup>86</sup> Ibid.

<sup>87</sup> CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.106.



processo de escrita reconhecendo as imagens como propulsoras de suas narrativas fantásticas.

Esse 'cinema mental' funciona continuamente em nós – e sempre funcionou, mesmo antes da invenção do cinema – e não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior.<sup>88</sup>

Albert, no *Jardim das veredas que se bifurcam*, se pergunta como um livro pode ser infinito e não cogita outro procedimento que o de um volume cíclico, circular.<sup>89</sup> Como as *Mil e uma noites*<sup>90</sup>, de cada ponto das *derivas*, uma fuga, um horizonte possível.

Fui subir a Penha a pé, ir ao cume, ver a cidade e ouvir a vibração do “formigar do mundo”. Uma narração bíblica no alto-falante se mistura aos sons da cidade. O vento está quente, reparo os degraus escavados na imensa pedra. Não há música ecoando em minha mente. Há retrospectos, lembranças e reverência.

Uma camisa e um terno usado  
Alguém me empresta  
Hoje é domingo  
E eu preciso ir à festa  
Não brincarei  
Quero fazer uma oração  
Pedir à santa padroeira proteção<sup>91</sup>

A famosa Festa da Penha durante muitos anos era o lugar de encontro em que artistas mostravam suas novas composições, uma espécie de “teste” para suas músicas. Muitos sucessos ficaram conhecidos a partir dessas festas que inicialmente eram manifestação de tradições culturais lusas com cantos e danças lembrados por portugueses. Aos poucos se juntaram trabalhadores, operários e escravos provindos principalmente da Bahia tornando mais populares as rodas de samba. Os compositores Pixinguinha, João da Baiana, Donga e Heitor dos Prazeres frequentavam essas festas.

<sup>88</sup> CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 99.

<sup>89</sup> BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1972. p. 106.

<sup>90</sup> *As mil e uma noites*. Apresentação de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

<sup>91</sup> *Festa da Penha*, música de Cartola e Asobert, composta entre 1937 e 1940 e gravada pela primeira vez em 1958.

processo de escrita reconhecendo as imagens como propulsoras de suas narrativas fantásticas.

Esse 'cinema mental' funciona continuamente em nós – e sempre funcionou, mesmo antes da invenção do cinema – e não cessa nunca de projetar imagens em nossa tela interior.<sup>88</sup>

Albert, no *Jardim das veredas que se bifurcam*, se pergunta como um livro pode ser infinito e não cogita outro procedimento que o de um volume cíclico, circular.<sup>89</sup> Como as *Mil e uma noites*<sup>90</sup>, de cada ponto das *derivadas*, uma fuga, um horizonte possível.

Fui subir a Penha a pé, ir ao cume, ver a cidade e ouvir a vibração do “formigar do mundo”. Uma narração bíblica no alto-falante se mistura aos sons da cidade. O vento está quente, reparo os degraus escavados na imensa pedra. Não há música ecoando em minha mente. Há retrospectos, lembranças e reverência.

Uma camisa e um terno usado  
Alguém me empresta  
Hoje é domingo  
E eu preciso ir à festa  
Não brincarei  
Quero fazer uma oração  
Pedir à santa padroeira proteção<sup>91</sup>

A famosa Festa da Penha durante muitos anos era o lugar de encontro em que artistas mostravam suas novas composições, uma espécie de “teste” para suas músicas. Muitos sucessos ficaram conhecidos a partir dessas festas que inicialmente eram manifestação de tradições culturais lusas com cantos e danças lembrados por portugueses. Aos poucos se juntaram trabalhadores, operários e escravos provindos principalmente da Bahia tornando mais populares as rodas de samba. Os compositores Pixinguinha, João da Baiana, Donga e Heitor dos Prazeres frequentavam essas festas.

<sup>88</sup> CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 99.

<sup>89</sup> BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1972. p. 106.

<sup>90</sup> *As mil e uma noites*. Apresentação de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

<sup>91</sup> *Festa da Penha*, música de Cartola e Asobert, composta entre 1937 e 1940 e gravada pela primeira vez em 1958.





Figura 32. Lucia Vignoli. Frames do vídeo *Penha*, 2008.

Na canção *Subúrbio*, Chico Buarque canta os bairros que estão à sombra da cidade, “a tal que abusa de ser tão maravilhosa”<sup>92</sup>. As barreiras invisíveis na cidade nos mostram fronteiras que separam também “sonhos e realidade”.<sup>93</sup>

Lá não tem brisa  
Não tem verde-azuis  
Não tem frescura nem atrevimento  
Lá não figura no mapa,  
No avesso da montanha, é labirinto  
É contra-senha  
É cara a tapa<sup>94</sup>

“A cidade é pedra e nuvem passageira. A pedra é, continuamente, reiluminada. A nuvem é fugidia e mercurial.”<sup>95</sup> A cidade, fonte de histórias, se parte em várias. Os verdes-azuis, mencionados em músicas, crônicas ou romances escondem o avesso da montanha.

A cidade desde sempre traz a água no nome. Foi nomeada em seu “lado ocidental de *Guaná-pará* (seio de mar) e, em seu lado oriental, de *Nhê-terôy* (água escondida) pelos nativos habitantes de seu litoral.”<sup>96</sup> O mundo português se ilude, em dúvida se um braço de mar ou um rio. Decidem pelo rio e o mês é Janeiro.

<sup>92</sup> Letra da canção *Subúrbio* de Chico Buarque.

<sup>93</sup> Letra da canção *Fronteras* de Silvio Rodrigues.

<sup>94</sup> Letra da canção *Subúrbio* de Chico Buarque.

<sup>95</sup> LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 9.

<sup>96</sup> CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. A construção da imagem da Baía de Guanabara. In: MARTINS, Carlos (Org.). **A paisagem carioca**. Rio de Janeiro: Prefeitura /MAM RJ, 2000. Catálogo. p. 32.



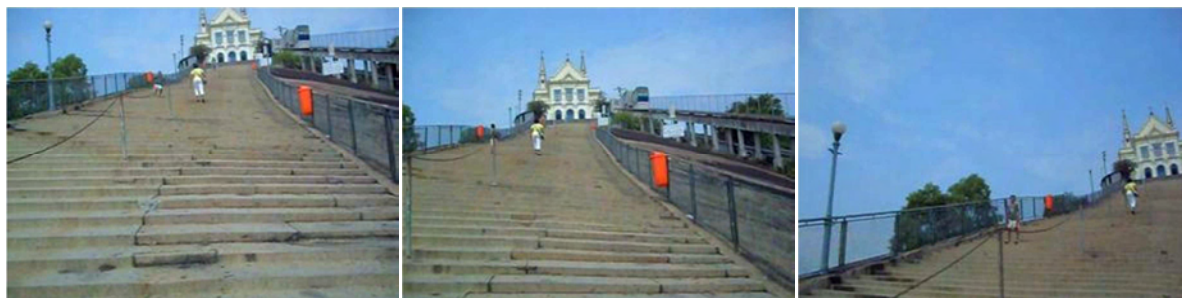


Figura 32. Lucia Vignoli. Frames do vídeo *Penha*, 2008.

Na canção *Subúrbio*, Chico Buarque canta os bairros que estão à sombra da cidade, “a tal que abusa de ser tão maravilhosa”<sup>92</sup>. As barreiras invisíveis na cidade nos mostram fronteiras que separam também “sonhos e realidade”.<sup>93</sup>

Lá não tem brisa  
 Não tem verde-azuis  
 Não tem frescura nem atrevimento  
 Lá não figura no mapa,  
 No avesso da montanha, é labirinto  
 É contra-senha  
 É cara a tapa<sup>94</sup>

“A cidade é pedra e nuvem passageira. A pedra é, continuamente, reiluminada. A nuvem é fugidia e mercurial.”<sup>95</sup> A cidade, fonte de histórias, se parte em várias. Os verdes-azuis, mencionados em músicas, crônicas ou romances escondem o avesso da montanha.

A cidade desde sempre traz a água no nome. Foi nomeada em seu “lado ocidental de *Guaná-pará* (seio de mar) e, em seu lado oriental, de *Nhê-terôy* (água escondida) pelos nativos habitantes de seu litoral.”<sup>96</sup> O mundo português se ilude, em dúvida se um braço de mar ou um rio. Decidem pelo rio e o mês é Janeiro.

<sup>92</sup> Letra da canção *Subúrbio* de Chico Buarque.

<sup>93</sup> Letra da canção *Fronteras* de Silvio Rodrigues.

<sup>94</sup> Letra da canção *Subúrbio* de Chico Buarque.

<sup>95</sup> LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 9.

<sup>96</sup> CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. A construção da imagem da Baía de Guanabara. In: MARTINS, Carlos (Org.). **A paisagem carioca**. Rio de Janeiro: Prefeitura /MAM RJ, 2000. Catálogo. p. 32.

Dia nasce. Mar, movimento. Água desenha na areia.



Dia nasce. Mar, movimento. Água desenha na areia.



Favela da Maré, 2008. Labirinto.

Frequentei por dois meses a Maré para conduzir aulas de desenho para jovens entre 9 e 13 anos numa oficina. Estruturei as aulas a partir das questões levantadas pelo grupo em relação ao lugar onde moravam e suas individualidades. Fizemos alguns passeios pela favela nos quais pude observar a dinâmica arquitetura que mudava a cada semana.

Sigo uma mulher com criança no colo. Pessoas transitam ao som de tambores de uma oficina de percussão. O desenho rítmico cresce à medida que caminho.



Figura 35. Lucia Vignoli. Frames do vídeo *Maré*, 2010.

Planejo uma *deriva* pela Baía de Guanabara numa embarcação para ver e registrar a cidade.

Azul na cidade, tradução de uma intensa luz.

A manhã bonita. Desço. O ar acaricia. Tudo azul. A paisagem é de algum modo européia. Praia Formosa. Serra dos Órgãos aparece por entre os morros de São Diogo e os de Barro Vermelho. Azul-ferrete com tons de aço novo. Os cumes beijavam as nuvens; a meia encosta, condensavam cúmulos. O mar aparecia espelhante, semelhava de nível mais alto que a terra.

Campo de Sant'Ana.

Ar polvilhado de alegria. Azul diáfano. Tudo azul. As árvores verdolengas do parque destoam. O rolar das carroças e azul; os bondes azuis; as casas azuis.

Tudo azul.<sup>97</sup>

<sup>97</sup> LIMA BARRETO, Afonso Henrique de. *Diário íntimo*. São Paulo. Brasiliense, 1956 apud SANTOS, Afonso Carlos Marques. *O Rio de Janeiro de Lima Barreto por Afonso Carlos Marques dos Santos, Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman*. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983. p. 75.

Favela da Maré, 2008. Labirinto.

Frequentei por dois meses a Maré para conduzir aulas de desenho para jovens entre 9 e 13 anos numa oficina. Estruturei as aulas a partir das questões levantadas pelo grupo em relação ao lugar onde moravam e suas individualidades. Fizemos alguns passeios pela favela nos quais pude observar a dinâmica arquitetura que mudava a cada semana.

Sigo uma mulher com criança no colo. Pessoas transitam ao som de tambores de uma oficina de percussão. O desenho rítmico cresce à medida que caminho.



Figura 35. Lucia Vignoli. Frames do vídeo *Maré*, 2010.

Planejo uma *deriva* pela Baía de Guanabara numa embarcação para ver e registrar a cidade.

Azul na cidade, tradução de uma intensa luz.

A manhã bonita. Desço. O ar acaricia. Tudo azul. A paisagem é de algum modo européia. Praia Formosa. Serra dos Órgãos aparece por entre os morros de São Diogo e os de Barro Vermelho. Azul-ferrete com tons de aço novo. Os cumes beijavam as nuvens; a meia encosta, condensavam cúmulos. O mar aparecia espelhante, semelhava de nível mais alto que a terra.

Campo de Sant'Ana.

Ar polvilhado de alegria. Azul diáfano. Tudo azul. As árvores verdolengas do parque destoam. O rolar das carroças e azul; os bondes azuis; as casas azuis.

Tudo azul.<sup>97</sup>

<sup>97</sup> LIMA BARRETO, Afonso Henrique de. *Diário íntimo*. São Paulo. Brasiliense, 1956 apud SANTOS, Afonso Carlos Marques. **O Rio de Janeiro de Lima Barreto por Afonso Carlos Marques dos Santos, Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman**. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983. p. 75.



Lima Barreto tece seu texto pontuado, ritmado e lembra a estrutura de *Perfeição*, música em que imagens se “colam” em sensações. Na canção, parceria de João Bosco e seu filho Francisco Bosco, as frases compõem uma descrição que me faz relacionar com as *derivas*. As frases anunciam imagens e saltam para ambiências que outras imagens “acendem”.

Tteias, focos de luz.

Copacabana  
Fim de semana  
Nu de Modigliani  
Clara beleza  
Teto de igreja  
Filme de Fellini  
Som de Donato  
Mar do Caribe  
Um azul sem fim.  
Velhos retratos  
Pra recordar  
Sonhos são assim<sup>98</sup>

A letra da música *Perfeição* percorre uma geografia da cidade do Rio de Janeiro ampliada por imagens e climas diversos. Como um jogo de memórias, as frases constroem um universo, armam uma atmosfera com várias referências que flui em melodia de ondulações serenas.

“Ter um sonho todo azul. Azul da cor do mar.”<sup>99</sup>

Quando me perguntava se sonhara com ela na véspera, e eu dizia que não, ouvia-lhe contar que sonhara comigo, e eram aventuras extraordinárias, que subíamos ao Corcovado pelo ar, que dançávamos na lua, ou então que os anjos vinham perguntar-nos pelos nomes, a fim de os dar a outros anjos que acabavam de nascer.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Letra da música *Perfeição*, de João Bosco e Francisco Bosco.

<sup>99</sup> Letra da música *Azul da cor do mar* de Tim Maia.

<sup>100</sup> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Ática, 1981. p. 39.

Lima Barreto tece seu texto pontuado, ritmado e lembra a estrutura de *Perfeição*, música em que imagens se “colam” em sensações. Na canção, parceria de João Bosco e seu filho Francisco Bosco, as frases compõem uma descrição que me faz relacionar com as *derivas*. As frases anunciam imagens e saltam para ambiências que outras imagens “acendem”.

Tteias, focos de luz.

Copacabana  
 Fim de semana  
 Nu de Modigliani  
 Clara beleza  
 Teto de igreja  
 Filme de Fellini  
 Som de Donato  
 Mar do Caribe  
 Um azul sem fim.  
 Velhos retratos  
 Pra recordar  
 Sonhos são assim<sup>98</sup>

A letra da música *Perfeição* percorre uma geografia da cidade do Rio de Janeiro ampliada por imagens e climas diversos. Como um jogo de memórias, as frases constroem um universo, armam uma atmosfera com várias referências que flui em melodia de ondulações serenas.

“Ter um sonho todo azul. Azul da cor do mar.”<sup>99</sup>

Quando me perguntava se sonhara com ela na véspera, e eu dizia que não, ouvia-lhe contar que sonhara comigo, e eram aventuras extraordinárias, que subíamos ao Corcovado pelo ar, que dançávamos na lua, ou então que os anjos vinham perguntar-nos pelos nomes, a fim de os dar a outros anjos que acabavam de nascer.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Letra da música *Perfeição*, de João Bosco e Francisco Bosco.

<sup>99</sup> Letra da música *Azul da cor do mar* de Tim Maia.

<sup>100</sup> ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1981. p. 39.



Sonho meu. Sobrevoamos a cidade num tapete voador. É noite com estrelas no céu azul marinho.

O “azul sem fim” está presente em muitos textos e músicas que falam do Rio de Janeiro. A coleção *Cantos do Rio*, dedicada a diversos bairros da cidade tem o compositor e escritor Aldir Blanc em *Vila Isabel, inventário da infância*. Em seu texto, desfia lembranças, personagens pitorescos e o “azul” se repete. Já no início do livro, quando está se referindo a sua infância, Aldir diz ser importante que o “azul dos dias durasse porque odiava as noites.”<sup>101</sup> A narrativa avança e ele se considera num estado febril ao recordar.

O engraçado é que eu, que temia as noites, fui adulto, buscar nelas os antigos dias, com a ajuda de uns copos, que ninguém é de ferro. Reconheço, na boemia desenfreada dos 20 e tal, até ficar adoentado, quase aos 40, uma inútil tentativa de voltar – tentativa que, apesar das ligações amargas, sempre se repete de um jeito ou de outro, como agora entre lembranças que tomam a forma de palavras e febre.<sup>102</sup>

Durante todo o relato, Blanc descreve suas lembranças como “febre”. No próprio ato de escrever “essas mal traçadas linhas, estou cheio de febre, corpo assaltado por calafrios e tremores, talvez porque a alma esteja transida de saudade.”<sup>103</sup>

E termina por concluir nas últimas páginas que a Vila Isabel é a “febre de viver que não passará enquanto eu respirar.”<sup>104</sup>

A obra de Noel Rosa, o poeta da Vila, contém muitas referências a fatos ocorridos na cidade. A canção *Cidade Mulher*, composta em 1936, para o filme de mesmo título dirigido por Humberto Mauro foi, segundo seus biógrafos, João Máximo e Carlos Didier “o único canto de amor do poeta da Vila Isabel à sua cidade.”<sup>105</sup>

---

<sup>101</sup> BLANC, Aldir. **Vila Isabel: Inventário da infância**. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: Prefeitura, 1996. p. 16.

<sup>102</sup> Id. Ibid. p. 46.

<sup>103</sup> Id. Ibid. p. 39.

<sup>104</sup> Id. Ibid. p. 58.

<sup>105</sup> DIDIER, Carlos; MÁXIMO, João. **Noel Rosa: uma biografia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1990. p. 424.

Sonho meu. Sobrevoamos a cidade num tapete voador. É noite com estrelas no céu azul marinho.

O “azul sem fim” está presente em muitos textos e músicas que falam do Rio de Janeiro. A coleção *Cantos do Rio*, dedicada a diversos bairros da cidade tem o compositor e escritor Aldir Blanc em *Vila Isabel, inventário da infância*. Em seu texto, desfia lembranças, personagens pitorescos e o “azul” se repete. Já no início do livro, quando está se referindo a sua infância, Aldir diz ser importante que o “azul dos dias durasse porque odiava as noites.”<sup>101</sup> A narrativa avança e ele se considera num estado febril ao recordar.

O engraçado é que eu, que temia as noites, fui adulto, buscar nelas os antigos dias, com a ajuda de uns copos, que ninguém é de ferro. Reconheço, na boemia desenfreada dos 20 e tal, até ficar adoentado, quase aos 40, uma inútil tentativa de voltar – tentativa que, apesar das ligações amargas, sempre se repete de um jeito ou de outro, como agora entre lembranças que tomam a forma de palavras e febre.<sup>102</sup>

Durante todo o relato, Blanc descreve suas lembranças como “febre”. No próprio ato de escrever “essas mal traçadas linhas, estou cheio de febre, corpo assaltado por calafrios e tremores, talvez porque a alma esteja transida de saudade.”<sup>103</sup>

E termina por concluir nas últimas páginas que a Vila Isabel é a “febre de viver que não passará enquanto eu respirar.”<sup>104</sup>

A obra de Noel Rosa, o poeta da Vila, contém muitas referências a fatos ocorridos na cidade. A canção *Cidade Mulher*, composta em 1936, para o filme de mesmo título dirigido por Humberto Mauro foi, segundo seus biógrafos, João Máximo e Carlos Didier “o único canto de amor do poeta da Vila Isabel à sua cidade.”<sup>105</sup>

<sup>101</sup> BLANC, Aldir. **Vila Isabel**: Inventário da infância. Rio de Janeiro: Relume – Dumará: Prefeitura, 1996. p. 16.

<sup>102</sup> Id. Ibid. p. 46.

<sup>103</sup> Id. Ibid. p. 39.

<sup>104</sup> Id. Ibid. p. 58.

<sup>105</sup> DIDIER, Carlos; MÁXIMO, João. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1990. p. 424.



Cidade de sonho e grandeza  
Que guarda riqueza  
Na terra e no mar.  
Cidade do céu sempre azulado,  
Teu sol é namorado  
Das noites de luar<sup>106</sup>

Outra *Cidade mulher*, de 1939, música de Paulo da Portela é mais uma homenagem ao Rio. O compositor e pesquisador Nei Lopes para quem a cidade é “sempre um organismo pulsante, corpo e alma”<sup>107</sup> se apropria do início da canção de Paulo para intitular seu artigo sobre o samba no livro *Canções do Rio a cidade em letra e música*. “Cidade, quem te fala é um sambista, anteprojetado de artista, teu grande admirador.”<sup>108</sup>

*Não vou pro céu, mas já não vivo no chão* é o nome do CD de João Bosco, no qual encontro a música *Perfeição*.

*Mas já não vivo no chão* é uma sensação que reconheço nas andanças em *derivas*. Outra canção do mesmo CD, *Desnortes*, inicia localizando-se nas pedras da cidade.

A febre.

---

<sup>106</sup> DIDIER, Carlos; MÁXIMO, João. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1990. p. 424.

<sup>107</sup> Letra da música *Cidade mulher* de Paulo da Portela.

<sup>108</sup> LOPES, Nei. Cidade, quem te fala é um sambista. In: MOUTINHO, Marcelo. **Canções do Rio**: a cidade em letra e música. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 61.



Cidade de sonho e grandeza  
 Que guarda riqueza  
 Na terra e no mar.  
 Cidade do céu sempre azulado,  
 Teu sol é namorado  
 Das noites de luar<sup>106</sup>

Outra *Cidade mulher*, de 1939, música de Paulo da Portela é mais uma homenagem ao Rio. O compositor e pesquisador Nei Lopes para quem a cidade é “sempre um organismo pulsante, corpo e alma”<sup>107</sup> se apropria do início da canção de Paulo para intitular seu artigo sobre o samba no livro *Canções do Rio a cidade em letra e música*. “Cidade, quem te fala é um sambista, anteprojetado de artista, teu grande admirador.”<sup>108</sup>

*Não vou pro céu, mas já não vivo no chão* é o nome do CD de João Bosco, no qual encontro a música *Perfeição*.

*Mas já não vivo no chão* é uma sensação que reconheço nas andanças em *derivas*. Outra canção do mesmo CD, *Desnortes*, inicia localizando-se nas pedras da cidade.


A febre.

---

<sup>106</sup> DIDIER, Carlos; MÁXIMO, João. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1990. p. 424.

<sup>107</sup> Letra da música *Cidade mulher* de Paulo da Portela.

<sup>108</sup> LOPES, Nei. Cidade, quem te fala é um sambista. In: MOUTINHO, Marcelo. **Canções do Rio**: a cidade em letra e música. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 61.



Quando escurece e desce a lava  
sobre o morro Dois Irmãos  
Brilha a montanha, cravejada  
De uma estranha ilusão  
No corcovado, bóia o Cristo  
Levitando contra o céu  
Tudo é febril  
Tudo quer ser  
Tudo lateja<sup>109</sup>

Nas pedras da Urca a água treme, lateja.

---

<sup>109</sup> *Desnortes*, música de João Bosco e Francisco Bosco do CD *Não vou pro céu, mas já não vivo no chão*.

Quando escurece e desce a lava  
sobre o morro Dois Irmãos  
Brilha a montanha, cravejada  
De uma estranha ilusão  
No corcovado, bóia o Cristo  
Levitando contra o céu  
Tudo é febril  
Tudo quer ser  
Tudo lateja<sup>109</sup>


Nas pedras da Urca a água treme, lateja.

---

<sup>109</sup> *Desnortes*, música de João Bosco e Francisco Bosco do CD *Não vou pro céu, mas já não vivo no chão*.







Algo de novo, pouco a pouco  
Pôde aparecer enfim  
Tua beleza, tua intensa luz  
Toda alegria do teu corpo são  
Que ao meu canto dizem  
"Nada foi em vão"<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> *Desnortes*, música de João Bosco e Francisco Bosco do CD *Não vou pro céu, mas já não vivo no chão*.



Algo de novo, pouco a pouco  
Pôde aparecer enfim  
Tua beleza, tua intensa luz  
Toda alegria do teu corpo são  
Que ao meu canto dizem  
“Nada foi em vão”<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> *Desnortes*, música de João Bosco e Francisco Bosco do CD *Não vou pro céu, mas já não vivo no chão*.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu me deixo à deriva, mas reconheço a corrente que escolhi.*

Anselm Kiefer

Encontro a frase acima num diálogo entre Anselm Kiefer e o entrevistador X sobre o livro *Lugares e povos de nosso tempo*. O livro foi encontrado num antiquário por Kiefer que seduzido pelo título o escolhe para sobre este interferir com desenhos. O nome *Lugares e povos de nosso tempo* se aproxima dos *monumentos no tempo*, subtítulo de algumas *derivas* que foram editadas durante os últimos dois anos dessa pesquisa.

*Reconheço a grande corrente ao mergulhar nas derivas.*

A produção dos vídeos das *derivas* ocorre na maior parte das vezes sem que eu me programe formalmente. O fato de levar comigo diariamente a câmera digital torna possível acioná-la sempre que uma percepção me atravessa. Dos vídeos desmembram-se fotogramas, que considero “fatias” de tempos. Essas “fatias” são colocadas em “abrigos” plásticos com água e fotografadas novamente. As novas imagens combinam as marcas da água no plástico com reflexos de luz.

O processo da escrita compreendeu uma *deriva* entre as memórias, os esquecimentos e os inúmeros *recordatórios*.<sup>111</sup> Naturalmente foi sendo criada uma metodologia própria alinhada à produção plástica. As palavras, as melodias e as imagens estabeleceram ligações, “constelações de universo”,<sup>112</sup> numa dinâmica particular para constituir o texto. Durante o embate com as palavras foram utilizados recursos como escutar repetidas vezes as músicas citadas, manter os vídeos das

<sup>111</sup> Nomeei *Recordatórios* os diários íntimos que escrevi durante e após as experiências das *derivas*.

<sup>112</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 252.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu me deixo à deriva, mas reconheço a corrente que escolhi.*

Anselm Kiefer

Encontro a frase acima num diálogo entre Anselm Kiefer e o entrevistador X sobre o livro *Lugares e povos de nosso tempo*. O livro foi encontrado num antiquário por Kiefer que seduzido pelo título o escolhe para sobre este interferir com desenhos. O nome *Lugares e povos de nosso tempo* se aproxima dos *monumentos no tempo*, subtítulo de algumas *derivas* que foram editadas durante os últimos dois anos dessa pesquisa.

Reconheço a grande corrente ao mergulhar nas *derivas*.

A produção dos vídeos das *derivas* ocorre na maior parte das vezes sem que eu me programe formalmente. O fato de levar comigo diariamente a câmera digital torna possível acioná-la sempre que uma percepção me atravessa. Dos vídeos desmembram-se fotogramas, que considero “fatias” de tempos. Essas “fatias” são colocadas em “abrigos” plásticos com água e fotografadas novamente. As novas imagens combinam as marcas da água no plástico com reflexos de luz.

O processo da escrita compreendeu uma *deriva* entre as memórias, os esquecimentos e os inúmeros *recordatórios*.<sup>111</sup> Naturalmente foi sendo criada uma metodologia própria alinhada à produção plástica. As palavras, as melodias e as imagens estabeleceram ligações, “constelações de universo”,<sup>112</sup> numa dinâmica particular para constituir o texto. Durante o embate com as palavras foram utilizados recursos como escutar repetidas vezes as músicas citadas, manter os vídeos das

---

<sup>111</sup> Nomeei *Recordatórios* os diários íntimos que escrevi durante e após as experiências das *derivas*.

<sup>112</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 252.

*derivas* em *looping* numa janela do computador e acessar no *recordatório* a lista de palavras encontradas em textos de diversas procedências.

Circular: o “tecido” da escrita, o estar na rua, a escuta das músicas, a captação das imagens, a coleção de palavras, a fragmentação em fotogramas, as conversas, a inserção das imagens nos plásticos, a impregnação do cotidiano, a água...

A procura de filmes e músicas na internet, 2010. Entre idas e vindas nos filmes de Agnès Varda, encontro um link para a versão de Sting da canção *Wildmills of your mind* de Michel Legrand, Marilyn Bergman e Alan Bergman. Traduzo o título do inglês para *Moinhos da sua mente* embora em francês seja *Moulins de mon coeur*, *Moinhos do meu coração*.

A marcha dos dias, o tempo.

Moinhos e o vento.

Round like a circle in a spiral  
Like a wheel within a wheel  
Never ending or beginning  
On a ever-spinning reel<sup>113</sup>

A água da chuva entrou nos pequenos sacos plásticos com fotos do mar.

É água no mar, é maré cheia ô  
mareia ô, mareia  
É água no mar...

Contam que toda tristeza  
Que tem na Bahia  
Nasceu de uns olhos morenos  
Molhados de mar.

Não sei se é conto de areia  
Ou se é fantasia  
Que a luz da candeia alumia  
Pra gente contar.<sup>114</sup>

<sup>113</sup>Letra da música *Wildmills of your mind* de Michel Legrand, Marilyn Bergman e Alan Bergman

<sup>114</sup>Letra da música *Conto de areia* de Romildo S. Bastos e Toninho Nascimento.



Águas de Março, 2010. Chego ao estúdio onde trabalho em Santa Teresa após dias chuvosos e verifico que as fotos armazenadas em sacos pendurados continham água em seu interior.

Enigma.

O ano: 1959.

Lygia Pape no poema do *Livro da criação*.

No início era tudo água.  
 Depois as águas foram baixando, baixando, baixando, e baixaram.  
 O homem começou a marcar o tempo.  
 O homem descobriu o fogo.  
 O homem era nômade e caçador.  
 Na floresta.  
 O homem era gregário e semeou a terra.  
 E a terra floresceu.  
 O homem inventou a roda.  
 O homem descobriu que o sol era o centro do sistema planetário.  
 Que a terra era redonda e girava sobre seu próprio eixo.  
 O homem construiu sobre a água: palafita.  
 Submarino: o vazado é o cheio sob a água.  
 A quilha navegando no tempo.  
 Luz – luz plena.<sup>115</sup>

Horizontes possíveis de encontros e fluxos.

Águas, Texto, imagens, cidade, amigos, palavras e memórias circulam e se cruzam na imensa teia. E a obra “imantada” de Lygia Pape acende a luz que “a candeia alumia pra gente contar.”<sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> Poema de Lygia Pape no *Livro da criação*.

<sup>116</sup> Letra da música *Conto de areia* de Romildo S. Bastos e Toninho Nascimento.

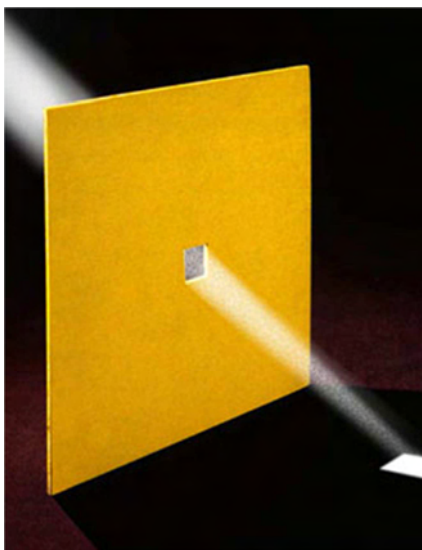


Figura 20. Lygia Pape. *Livro da criação*, 1959. Disponível em: <<http://www.lygiapape.org.br/>>. Acesso em: 04 mai. 2011

A febre de Aldir Blanc no contato com suas memórias me conduz a Fellini e sua fronteira entre mundo sensível e supra-sensível que vem a ser o reino do artista. O meu lugar com Arlindo Cruz e Mauro Diniz é um mundo frágil e fraturado que cerca Robert Smithson. Lygia Clark se declara uma fronteira a Hélio Oiticica, que com Lygia Pape sai para a cidade em *Deliriumambulatorium*.

A rua “tece” a teia.

Teias luzem.

Minha alma canta.



Minha alma canta.

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1981.

\_\_\_\_\_. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Ed., 1946.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo: obras escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. A imagem de Proust. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1.

BLANC, Aldir. **Vila Isabel: inventário da infância**. Rio de Janeiro: RelumeDumará: Prefeitura, 1996.

BORGES, Jorge Luis. O jardim das veredas que se bifurcam. In: \_\_\_\_\_. **Ficções**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CARRER, Aline; GLEDSON, John. **Rio de Assis: imagens machadianas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. A construção da imagem da Baía de Guanabara. In: MARTINS, Carlos (Org.). **A paisagem carioca**. Rio de Janeiro: Prefeitura / MAM RJ, 2000. Catálogo.

CLARK, Lygia; OITICICA, Hélio. **Cartas** 1964-1974. Org. Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DANZIGER, Leila. **Diários públicos**. Disponível em:  
<<http://leiladanziger.com/text/28diarios.pdf>> Acesso em: 05 mar. 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma crítica da geografia urbana**. Disponível em:  
<<http://www.rizoma.net/interna.php?id=143&secao=anarquitectura>> Acesso em: 06 mar. 2011.

DIDIER, Carlos; MÁXIMO, João. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Linha Gráfica Editora, 1990.

DOCTORS, Márcio. **Luz Zul/ Regina Silveira**. Rio de Janeiro: Instituto Telemar, 2006. Catálogo.

FELLINI, Federico. **Fellini por Fellini**: vida obra e paixões do grande cineasta contadas por ele mesmo. Porto Alegre: LP&M.

\_\_\_\_\_. **Fellini visionário**: A doce vida. 8 ½. Amarcord: roteiros, entrevistas e ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 4. ed. Curitiba: Ed. Positivo, 2009

\_\_\_\_\_. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].



FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org.). **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FERREZ, Gilberto. **O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez: paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918**. São Paulo: Ex-Libris, 1984.

FIGUEIREDO, Luciano (Org.). **Lygia Clark Hélio Oiticica: Cartas 1964-74**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

FILHO, César Oiticica; VIEIRA, Ingrid. **Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

HENDRICKS, Jon. **O que é fluxus? O que não é! O porquê**. Brasília / Rio de Janeiro: CCBB; Detroit: The Gilbert and Lilá Silverman Fluxus Collection Foundation, 2002.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política e amnésia. In: \_\_\_\_\_. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Elogio aos errantes**. Breve histórico das errâncias urbanas. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp256.asp>> Acesso em: 06 mar. 2011.

KIEFER, Anselm. Pintar como feito histórico. Trad. Leo Epstein. **Gávea**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 112-124, 1990.

LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIMA BARRETO, Afonso Henrique de. **Diário íntimo**. São Paulo. Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. **Toda crônica**. Org. Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. 1.

LISPECTOR, Clarice. Ir contra uma maré. In: \_\_\_\_\_. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

LONG, Richard. **Richard Long**. Disponível em: <<http://www.richardlong.org/>> Acesso em: 5 mar. 2011. Home page.

LOPES, Nei. Cidade, quem te fala é um sambista. In: MOUTINHO, Marcelo. **Canções do Rio**: a cidade em letra e música. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MÁRQUEZ, Renata. **Geografia portátil**. Disponível em: <<http://geografiaportatil.org/>> Acesso em: 8 mar. 2011.

MEIRELES, Cecília. Mar absoluto. In: **Obra poética**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.

MEIRELES, Cildo. Entrevista concedida a Geraldo Mosquera. In: HERKENHOFF, Paulo; CAMERON, Dan; MOSQUERA, Gerardo. **Cildo Meireles**. Tradução Len Berg. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. p. 21-3.

AS MIL e uma noites. Apresentação de Malba Tahan. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

OITICICA, Hélio. **Delirium ambulatorium**. Texto-release de Hélio Oiticica acerca de sua participação em "Mitos Vadios" de Ivald Granato. Rio de Janeiro, 24 out. 1978. Folha datilografada. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp\\_image\\_m.cfm?name=Normal/0066.78%20p03%20-%20165.JPG](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia/ho/detalhe/docs/dsp_image_m.cfm?name=Normal/0066.78%20p03%20-%20165.JPG)> Acesso em: 06. mar. 2011.

PAPE, Lygia. **Lygia Pape**. Apresentação: Mário Pedrosa. Poemas: Luiz Otávio Pimentel. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.

PETTIGREW, Damian. **Fellini**: eu sou um grande mentiroso. França, Itália, Inglaterra: Pandora Filmes, 2003.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Org. Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANTOS, Affonso Carlos Marques. **O Rio de Janeiro de Lima Barreto por Affonso Carlos Marques dos Santos, Francisco de Assis Barbosa e Paula Beiguelman**. Rio de Janeiro: Rioarte, 1983.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**: revista de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói/RJ, ano 1, n. 1, 1999.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Modos de saber, modos de adoecer**: o corpo, a arte, o estilo, a vida, o exterior. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

SARNO, Geraldo. **Jean Rouch, Eduardo Coutinho e O outro eu**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2009.

SMITHSON, Robert. A eterna batalha: um passeio pelos monumentos de Passaic. **O Nó Górdio**: jornal de metafísica, literatura e artes, ano 1, n. 1, dez. 2001.

\_\_\_\_\_. **Entropy and the new monuments**. Disponível em:  
<[http://www.robertsmithson.com/essays/entropy\\_and.htm](http://www.robertsmithson.com/essays/entropy_and.htm)> Acesso em: 6 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. Uma sedimentação da mente: projetos de terra. In: COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (Org.). **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VARDA, Agnès. **Os catadores e eu**. Paris: Ciné Tamaris, 2000.

WENDERS, Wim. A paisagem urbana. **Revista do IPHAN**, n. 23, 1994.

\_\_\_\_\_. **As imagens devem obedecer à história**. Entrevista. Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=mFIHnl4rmd0>> Acesso em: 06 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. **Tão longe, tão perto**. Alemanha: BioskopFilm, 1993.